

# Carta de Gilda de Mello e Souza a Oswaldo Porchat

## Apresentação

Carta escrita por Gilda de Mello e Souza, remetida ao colega Oswaldo Porchat, que se encontrava em Berkeley, quando a ditadura civil-militar brasileira, recrudescida desde a implantação, em agosto de 1968, do AI-5, representava uma verdadeira ameaça a estudantes e docentes da Universidade de São Paulo, especialmente se lhe fizessem qualquer tipo de oposição. Porchat trocou uma sequência de cartas com Gilda nessa época, nas quais relata sua desilusão com a Faculdade de Filosofia, e com os acontecimentos políticos no Brasil. Ao mesmo tempo, confessa estar encantado com a descoberta de novos elementos da Lógica, e com a atmosfera mais amena dos Estados Unidos. Porchat sabe que Gilda enfrenta momentos difíceis, tendo de assumir a Presidência do curso em meio à tentativa do reitor Miguel Reale de submetê-lo a um interventor. Enfrentando a dúvida sobre se valeria a pena retornar ao Brasil naquele momento, Porchat escreve à amiga. A carta a seguir expressa, dentro do que era possível na época, quando as correspondências eram vigiadas, o parecer de Gilda sobre as indagações do amigo, sobre os rumos da ditadura, e sobre o que ela pensava de sua própria atitude de resistência naquele contexto. A carta original, assim como a sequência de correspondências da qual faz parte, está depositada no Fundo Gilda de Mello e Souza, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Agradeço à família de Gilda, especialmente a Ana Luisa Escorel e a Laura Escorel, pela disponibilização desse documento para a presente publicação.

•

São Paulo, 18 de agosto de 1969

Meu caro Porchat:

Demorei muito para responder à sua carta de 17 de junho e peço que me desculpe. Sabia que você esperava com ansiedade notícias do Brasil e podia ter aproveitado as férias para discutirmos com vagar alguns problemas que estavam te inquietando. Mas eram problemas que também me inquietavam, para os quais ainda não havia encontrado a solução – e me acovardei. Resolvi então desligar de tudo por algum tempo, fui para Poços [de Caldas] como quem vai para Pasárgada e esqueci cartas, processos, ofícios, nomeações, justificativas, para descansar um pouco. Agora, respondendo à sua carta com dois meses de atraso.

Apesar disso, há perguntas suas que ainda não sei responder. Todas elas, de certo modo, se reduzem a uma pergunta única, essencial: se você deverá voltar. Mas lendo a sua carta muitas vezes, com a desconfiança que, você sabe, deve-se ler um texto, isto é, atento à sua opacidade – como quer o nosso Merleau[-Ponty] – aos sentidos que vão se formando entre os silêncios ou na franja dos sinais, eu vejo que você já respondeu: você não deseja voltar. E como, meu amigo, as duas respostas são válidas e podem ser justificadas por argumentos sólidos, não posso te apontar uma, em detrimento da outra. Escolha aquilo que o coração mandar e tenho certeza [de] que escolherá bem.

Soube hoje que sua mãe está aí com vocês. Ela deve ter descrito, com mais detalhes do que é aconselhável por cartas, a atmosfera em que estamos vivendo. Para o nosso lado não há, por enquanto, nada de ostensivamente insuportável. Mas os indícios esparsos, as pequenas dificuldades que entravam os nossos gestos, os pedidos suplementares de informação que trazem os processos de volta às nossas mãos, as comissões de inquérito se instalando – fazem temer dias piores. Cada vez vai ficando mais difícil agir, escolher, julgar. – Onde deve terminar a cautela, porque já começa o medo? – Como saber se estamos tentando salvar a instituição ou a própria pele?

Como você vê, não há nenhum heroísmo na perplexidade em que nos debatemos e não faz muito sentido chamar você para nossa companhia. Os que estão por aqui não têm outro remédio, vão-se gastando nas tarefas miúdas – mesmo que tenham consciência de que a História poderá se voltar um dia contra eles.

Pois você já viu malandra maior do que a História? Mais tarde, quando se fizer a crônica deste nosso pobre momento, é bem possível que o esforço dos que tentaram salvar os destroços surja aos olhos de todos como mera capitulação. Aliás, já está surgindo aos olhos de alguns, que acreditam que seria melhor apressar o naufrágio. Por questão de idade, talvez, eu optei pela paciência e com o auxílio inestimável do Victor [Knoll], vamos tentando reconstruir a casa, debaixo da chuva de pedra.

Numa situação tão insegura, não é possível exigir nada de ninguém. O mais sensato é deixar que cada um continue a sua carreira, aproveitando as chances do momento, para poder servir melhor, adiante. É verdade que para “mener la barque philosophique au milieu de tous ces remous divers” (a frase é do Granger), uns fazem mais falta do que outros. É o seu caso, por exemplo. Mas reafirmando isso, não quero reabrir para você um problema de consciência. É apenas um desabafo, como os que você, por abandono de amigo, se permitiu em sua carta.

Antes de passar adiante gostaria de combater a ligação que você insiste em estabelecer, entre o que estamos sofrendo e o que se passou em julho do ano passado. Não há dúvida que aceitando esse elo você dá coerência aos acontecimentos e consegue justificar a sua grande mágoa. Só que o raciocínio é falso = julho já era consequência de um processo muito mais complexo e muito mais geral. Por isso me

alarma vê-lo ainda tão ferido, tão sem vontade de esquecer, escondendo-se atrás de uma racionalização, que não me parece a maneira mais lúcida de ver os fatos. Não podemos personalizar um processo que não é local, mas histórico. Mesmo que a pedra tenha caído em nossa cabeça.

“Pergunto-me sinceramente se vale a pena tentar recomeçar, para chegar de novo a situações semelhantes”, você se pergunta. Acho que vale, Porchat, mas com a condição de não termos ilusão de que as situações semelhantes irão, efetivamente, se recolocar. Para nós professores, que não temos outra convicção profunda a não ser a do exercício livre da inteligência, a tarefa é apenas essa, recomeçar sempre e a cada momento. O processo que estamos sofrendo não parou, não vai parar tão cedo: vai dar guinadas para a direita, guinadas para a esquerda, sacudindo razoavelmente aqueles que tentam manter as rédeas, para acabar nos conduzindo sabe lá pra onde. No percurso podemos cair do cavalo, apear ou, caso mais raro, fazer o animal entrar na andadura.

O Armando [Mora] foi nomeado e tem impressionado muito bem os alunos. Quanto à noiva, sua indicação ainda não foi atendida e o seu caso enquadra-se bem no parágrafo 3 da minha carta. De ontem para hoje as perspectivas ficaram mais sombrias. Mas decidimos que não se deve entregar os pontos, mas insistir até a palavra final do reitor. É possível que estejamos na beira de uma nova crise, pois os alunos não parecem dispostos a sofrer passivamente um novo corte.

Daniele fica conosco até o fim do ano, quando voltará para a França, para se casar com Rancière. Gallard anda pelo Guarujá, hospedando a mãe e passeando uma Fiat branca, lindíssima. Nas férias andou pelas cidades mineiras e por Brasília. Em setembro chegam Dessanti e Roland Barthes. E quanto ao Lacey, não progrediu muito no português, mas tem provado ser um excelente sujeito, bovino e racional. Tem feito muito sucesso com os físicos e os matemáticos.

João Paulo [Monteiro] chegou bem e trouxe boas notícias do Bento. Foi portador de uma cartinha que transpira felicidade, alívio e ótimas disposições de trabalho. Este ano [Bento] não terá a bolsa do CNRS, pois a dificuldade de duas candidaturas o levou a desistir em favor do Gianotti, reafirmando a sua inevitável vocação de pescoço mole. Mas parece que vai conseguindo se manter com a locação e o aluguel do Brasil.

E agora, para terminar, uma informação burocrática. Eurípedes não quis conceder a você a Regência do noturno, alegando que você está fora do país. Para não perdermos a verba a transferimos para Maria Sílvia, que é doutora. E como eu já tinha desistido da minha regência, que o Eurípedes me tinha atribuído, no momento da crise, corri ao pessoal, me entendi com a dona Susuka, anulamos a minha desistência para que eu pudesse receber em seu nome. Este mês já depusitei na sua conta a quantia correspondente, isto é, \$1.318,60. Como a regência do noturno vai

ser extinta para toda a universidade, em dezembro, você terá ainda um saldo de mais cinco meses. Como tenho dificuldade de me comunicar com o seu pai pedi à Mabi, que tinha o seu endereço, que o avisasse.

Dê um grande abraço em Yeda e na Patrícia. Espero que a vida trabalhosa dos Estados Unidos não esteja atrapalhando os seus estudos. Sua carta dá impressão de boa sintonia com o país, o que é excelente. Mas é pena que você esteja cada vez mais lógico e menos grego.

Um beijo grande na Patrícia e a saudade grande de [Gilda].